

As Galinhas do Juca

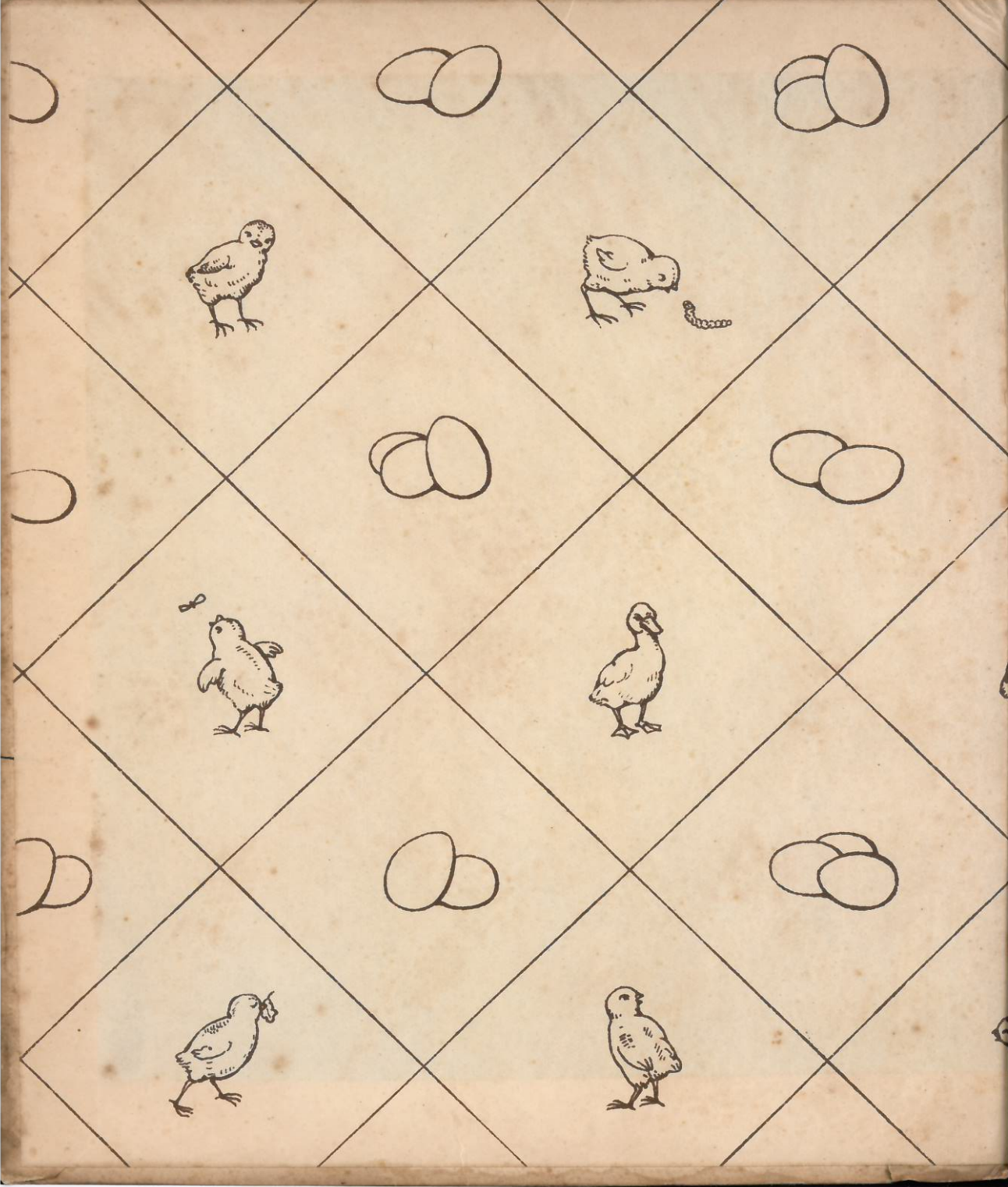
de J. Reis



EDIÇÕES MELHORAMENTOS



12



J. REIS

AS GALINHAS DO JUCA



Edições Melhoramentos

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal, 120 B — São Paulo.

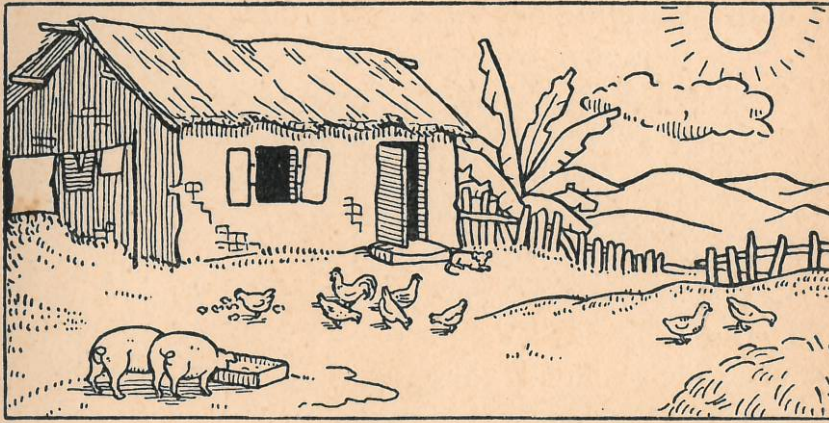
R

Otilia Reis

maestra incansável na escola e no lar.

Impressão e papel da
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
INDÚSTRIAS DE PAPEL

Nos pedidos telegráficos
basta indicar o n.º 631



O sítio da Assunção

Córrego-Sêco é uma estaçãozinha pobre, perdida lá no interior. A ela só se chega depois de muitas e muitas horas de viagem de trem. E de lá, até o lugarejo em que mora o Juca, ainda será preciso tomar um automóvel e tocar pela estrada.

Que estrada! Há tanta areia que o automóvel às vezes nem pode andar. Tem de seguir dentro de trilhos cavados na areia. Nas subidas, o chão é coberto de tábuas para os carros não escorregarem.

Depois de rodar uma hora e tanto por êsse caminho difícil, que atravessa matas fechadas e grandes capinzais, chega-se enfim a um caminho mais estreito. Êsse caminho é tão ruim que só mesmo um

motorista muito bom pode entrar nele de automóvel. O mais seguro é ir a pé.

Pois é êsse o caminho que vai dar no sítio da Assunção. Perguntem à primeira pessoa que encontrarem e ela explicará como chegar ao sítio. Por ali todos conhecem Nhá Zefa, a viúva do Nhô Pedro, que aí vive com seus cinco filhos.

Quem vem a pé por êsse caminho sempre chega ao sítio cansado, botando o coração pela bôca. Não é brincadeira andar aquele estirão ao sol!

Pois saibam que o filho mais velho de Nhá Zefa, o Juca, faz essa caminhada duas vezes por dia, para ir à escola. Quando chega à casa, nem parece que andou tanto. Ainda ajuda no galinheiro e na horta, vai ao poço buscar água... E no dia seguinte, quando o sol ainda está para sair, já o pequeno lavou o rosto e está varrendo o chão da sala.

Menino valente, êste Juquinha!

O pai dele, Nhô Pedro, também era assim. Mas dizem que não tinha sorte. Trabalhava muito, mas não melhorava de vida. Sempre pobre, muito pobre mesmo!

E' verdade que não sabia ler, e quem não sabe ler sempre encontra maiores dificuldades na vida. Por isso mesmo é que êle e Nhá Zefa sempre pensaram em dar instrução aos filhos. Queriam que êles frequentassem a escola. E fizeram bem, pois o Juqui-

nha, que tem nove anos, já lê e escreve muito direitinho e é um dos primeiros da sua classe.

Mas voltemos ao sítio de Nhá Zefa.

Eu disse que era muito pobre, não disse?... Chega a dar dó! A cancela da entrada está caindo aos



pedaços. A casa, que tem só três cômodos — uma sala na frente, um quarto e a cozinha — está muito estragada. Da mobília nem é bom falar! A cama de Nhá Zefa e algumas cadeiras são os únicos móveis com-

prados. Os outros foram feitos de tábuas de caixotes, inclusive um oratório, no qual a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora sorri docemente, tendo ao colo o Menino Jesús.

Mas o chão está bem varrido e as toalhas são limpas, porque Nhá Zefa é caprichosa e gosta de tudo asseado. Pode haver pobreza mas também haver limpeza.

A plantação é muito pouca: não dá quase nada para vender. Uma vaca, a *Branquinha*, dá leite para a família. Se não fossem as galinhas e os porcos, a miséria seria completa.

As galinhas, que vivem sôltas e misturadas com os porcos, ciscando aqui e ali, sempre põem ovos, que o *frangueiro* compra todas as semanas. Dos porcos, sempre se vende um ou outro, quando a necessidade aperta...



Sonhos do Juca

Juca era louco por aquela criação de galinhas. Bem sabia que elas ajudavam Nhá Zefa a manter a família. Além disso, o menino gostava mesmo de lidar com os animais.

Quando a *Pintada*, que era a melhor choca, estava chocando, era ele que dela cuidava e punha fumo no ninho para afugentar as pragas.

Como gostava de vê-la, toda importante, passeando de cá para lá, com sua ninhada de pintos travessos! Ela os ensinava a ciscar, a pegar minhocas e besourinhos, castigando com bicadas os mais peraltas, e acudindo aos que estivessem em perigo...

Tão bom era êle para os animais que, ao passear pelo terreiro, não eram poucas as galinhas que o seguiam como os cachorros seguem o próprio dono.

E sabem do melhor? Juquinha chegava a conversar com elas. E parece mesmo que as galinhas o entendiam...

Juquinha era muito estudioso. Lia tudo quanto lhe caía às mãos, especialmente coisas sôbre animais e plantações.

Seu maior desejo era ajudar Nhá Zefa a melhorar de vida, a tornar menos pobre o sítio em que viviam.

Imaginava às vezes que a sorte ainda havia de vir e que êle ainda iria estudar numa boa escola agrícola. De lá voltaria para aplicar no melhoramento do sítio da Assunção tudo o que houvesse aprendido. Para isso, trabalharia sem descanso.

Então, as coisas mudariam! Nhá Zefa não trabalharia mais. Os irmãozinhos teriam tudo o que houvesse de melhor. E o sítio, agora tão pobre, haveria de transformar-se no reino da fartura...

Com êstes pensamentos na cabeça, o menino adormecia em seu quarto pobre. Nem sentia o vento frio que entrava pelas paredes esburacadas.

Havia de ser um homem instruído, pensava o Juca. Havia de ser gente de verdade!

A peste

Ora, um belo dia, de manhã cedo, quando ia varrer o galinheiro, Juquinha encontrou morto, debaixo do poleiro, o galo mais bonito de todos. Estava duro, com a cabeça roxa. Da bôca, saía uma gosma grossa...

Êle bem sabia que aquilo era mau sinal. Quando uma ave morria assim, logo outras muitas adoeciam e morriam também.

Tratou logo de apanhar o galo morto — tão bonito, tão pesado! E foi correndo mostrá-lo a Nhá Zefa.

— Mamãe, mamãe! o galo preto morreu!

— Cruz, credo! exclamou Nhá Zefa. A peste já está de volta.

E enxugando as mãos no avental, segurou a ave morta:

— Logo êsse galo tão bom! Que judiação!

Nhá Zefa estava acostumada com essa *peste*. Volta e meia, ela aparecia e acabava com as galinhas. E era sempre assim: um dia era uma galinha que amanhecia morta, alguns dias depois muitas outras começavam a ficar jururús, encolhidas nos cantos e... pronto, era morte certa!...

Se não fosse a peste, Nhá Zefa poderia ter uma criação muito grande, e vender uma porção de ovos, muito mais do que seus vizinhos.

Ela sabia lidar com as galinhas. Em toda aquela redondeza não havia quem tivesse melhor mão para deitar galinhas chocas.

Mas... que fazer agora? Consultar Zé Cruz, o administrador da Fazenda das Pedras, que conhecia tantas rezas para afugentar doenças?...

Já no ano passado ela consultara Zé Cruz, mas de nada tinha valido, pois a peste aí estava de novo, sem fazer caso da sabedoria do curandeiro.

Depois de muito matutar, resolveu ainda uma vez chamar o Zé Cruz. Mandou o Juquinha procurá-lo na Fazenda das Pedras. Para adiantar, foi tratando de pendurar o galo morto, de cabeça para baixo, na cêrca do sítio. Diziam todos que isso era uma boa coisa para afugentar as pestes.

Quando Juquinha voltou com a receita de Zé Cruz, também trouxe uma novidade. Tinha aparecido na vila um viajante que dizia ter remédios para todas as doenças da criação. Talvez êle passasse pelo sítio de Nhá Zefa, pois o farmacêutico ficara de avisá-lo.

— Tomara, meu Deus, que êle venha e dê um jeito! disse Nhá Zefa, suspirando.



O viajante

O tal viajante apareceu, pela tardinha. Era um moço elegante, muito bem trajado e falador. Até parecia uma matraca!

Chegou e foi logo entrando pela casa. Sem dar muita atenção ao que dizia Nhá Zefa, abriu uma mala cheia de vidros e potes e começou a contar maravilhas a respeito de cada remédio: um deles fazia a criação engordar, outro parava as pestes...

Quando Nhá Zefa conseguiu falar, contou a morte do galo, e disse do mêdo, que tinha, de que a doença pegasse nas outras aves.

— Certamente que pega, exclamou o moço! mas aqui tenho um remédio especial, para a senhora pôr na água...

E foi tirando da mala uma garrafinha cheia de remédio escuro:

— E' só colocar uma colher de sopa na água, de manhã e de tarde!

— E êsse remédio é mesmo bom para atalhar a doença?

— Oh, que pergunta, dona! exclamou o vendedor. Não há remédio igual a êste. Êle mata todos os micróbios. Criação tratada com êste remédio é criação que nunca fica doente nem morre!

— Será que é bom mesmo o remédio, Juquinha? perguntou Nhá Zefa olhando para o filho.



Juquinha não sabia, não.

E o moço não parava de falar. Quando disse o preço do vidro, Nhá Zefa quase caiu para trás. Nunca vira remédio tão caro assim.

— Enfim, se curasse, ainda seria muito bom...

Mas o moço não se deu por achado. Tanta coisa contou que Nhá Zefa acabou comprando não só re-

médio para as galinhas, mas também um outro para os porcos e outros remédios mais...

Para pagá-los, entregou ao moço todo o dinheiro que possuía em casa.

Assim que o viajante partiu, desmanchando-se todo em mesuras e amabilidades, Nhá Zefa e Juquinha foram correndo colocar na água das galinhas uma colher bem cheia do tal remédio.

E não se esqueceram também de preparar e dar às galinhas a poção do Zé Cruz, que era muito complicada, pois levava pinga e uma porção de raízes e fôlhas...

Mais era impossível fazer.

Que remédios...

No dia seguinte, bem cedo, Nhá Zefa correu ao galinheiro para espiar: todas as galinhas estavam vivinhas da silva.

Teria sido obra do remédio do moço ou da poção do Zé Cruz? ou, quem sabe, o galo morto, pendurado na cerca, tinha mesmo afugentado a peste?

Mas, no outro dia, pela tardinha, algumas galinhas apareceram encorujadas. E no terceiro dia, nem é bom falar!

Quando Juquinha foi ao galinheiro soltar as aves, não encontrou uma nem duas mortas, mas sim uma porção delas...

Uma coisa horrível!

— Qual! exclamou Nhá Zefa, não adianta lutar contra a peste. Ela pode mais que a gente!

E' que o remédio dado pelo moço não servia. E era claro que não podia servir, pois o moço nem tinha examinado as aves para saber a doença delas! Ele era apenas um caixeiro-viajante, que não entendia de doenças.

Não há nenhum remédio que cure todas as moléstias, e é porisso mesmo que a gente não deve tomar remédios à-toa, nem dá-los aos animais, senão quando indicados por uma pessoa que conheça muito bem as doenças.

Foi um dia triste aquele! As coisas já andavam tão ruins e agora a peste aparecia peor do que nunca, matando as melhores galinhas. Se continuasse assim, Nhá Zefa não teria mais ovos nem frangos para vender ao *frangueiro* quando êste passasse pelo sítio. Isso queria dizer que Nhá Zefa não teria mais dinheiro de espécie alguma...

As outras crianças não se importavam com o desastre. Até achavam engraçado ver tanta galinha morta.

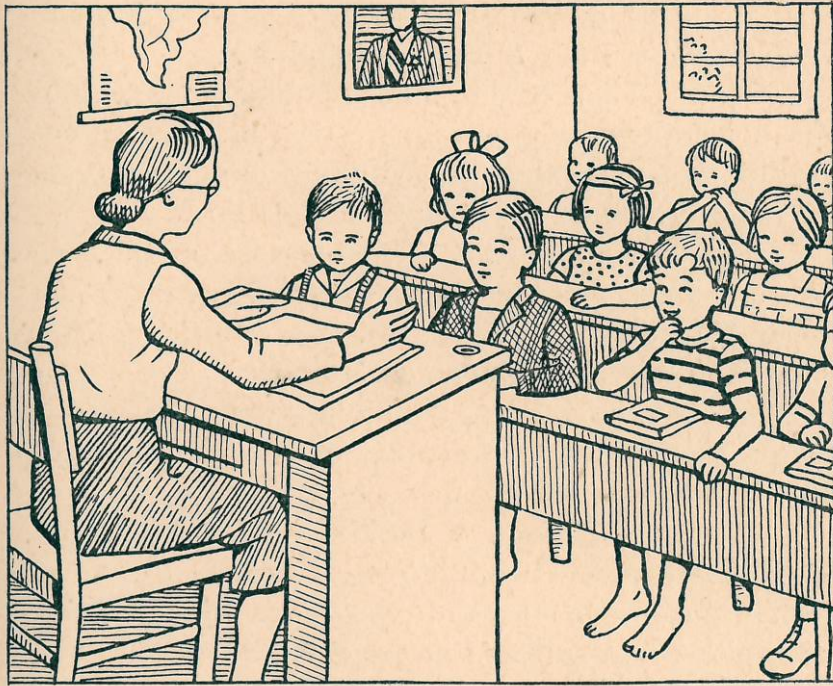
Mas o Juquinha sabia muito bem o que representava aquilo. Ah! se êle pudesse dar um jeito!

Ao sair para a escola, naquele dia, foi com o coração pesado. Não podia esquecer, nem por um minuto, aquela desgraça.

Mas, na escola, teve uma idéia.

A professora, dona Lúcia, estava explicando quem era o Presidente da República: contara que todos os brasileiros eram como irmãos de uma grande família e o Presidente era o chefe dessa família...

À medida que dona Lúcia falava, Juquinha ia imaginando: mandaria uma carta ao Presidente (que

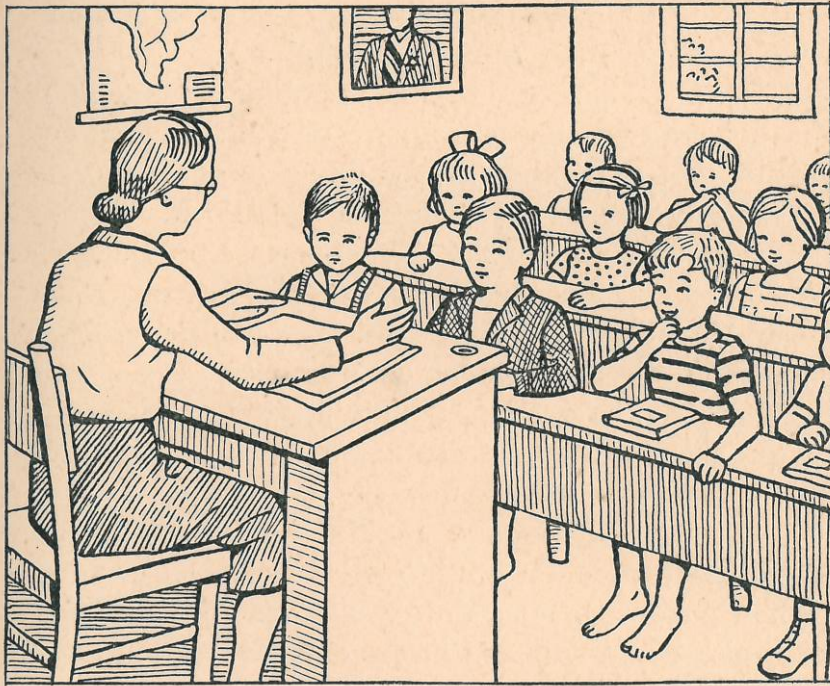


bom saber escrever!) e êle, com certeza, saberia dar um jeito nas coisas...

Acabada a aula, Juquinha perguntou a dona Lúcia se qualquer pessoa poderia escrever ao Presidente.

— Certamente, respondeu dona Lúcia, pois nós somos todos iguais. Você pretende escrever ao Presidente, Juquinha?

— Sim, senhora. Quero mandar uma carta a êle.



bom saber escrever!) e êle, com certeza, saberia dar um jeito nas coisas...

Acabada a aula, Juquinha perguntou a dona Lúcia se qualquer pessoa poderia escrever ao Presidente.

— Certamente, respondeu dona Lúcia, pois nós somos todos iguais. Você pretende escrever ao Presidente, Juquinha?

— Sim, senhora. Quero mandar uma carta a êle.

Os outros alunos, especialmente os maiores e mais vadios, começaram a rir do Juquinha...

Dona Lúcia, porém, não zombou do Juquinha. Ela era muito boa e paciente, e com muito jeito conseguiu que o menino lhe contasse para que é que queria escrever ao Presidente da República.

Quando êle disse tudo, a professora explicou que não era preciso ir até ao Presidente para obter uma coisa tão simples, pois o Govêrno mantém repartições especiais para ajudar os lavradores e os criadores. Bastaria, pois, que o Juquinha escrevesse ao director da repartição que trata das doenças das criações.

E foi o que êle prometeu fazer.

A notícia de que o Juquinha ia escrever para a Capital pedindo o auxílio do Govêrno, logo se espalhou pelas redondezas, de modo que em pouco tempo muita gente sabia disso na cidadezinha.

Seu Antonio da venda sempre que via o menino, perguntava troçando:

— Então, *seu* escritor, já escreveu para o Govêrno? E soltava uma gargalhada, que fazia o Juquinha ficar encafifado.

Seu Antonio era um homem muito atrasado. Pensava que nada adiantava escrever ao Govêrno, e que a carta do Juquinha ficaria perdida, sem resposta...

Uma carta

O menino não se deu por achado e não se incomodou com as gargalhadas do *seu* Antonio. Todo dia trabalhava um pouquinho na carta. Ajeitava as frases, consertava aqui, retocava ali, até que um dia achou que estava boa, muito boa mesmo, e resolveu passá-la a limpo. Comprou uma fôlha de papel de carta com envelope bem bonito, forrado de azul (caro de verdade, duzentos réis!...) e tratou de copiar a carta, que dizia assim:

Ilustríssimo Senhor:

As galinhas daqui de casa estão morrendo, sabe, cada dia morre uma porção e isso é muito ruim porque minha Mãe fica muito aflita e sem dinheiro. Eu sei que o Senhor pode dar um jeito, quem sabe o Senhor pode me ensinar um remédio, o do moço não prestou e custou tão caro, um remédio que não deixe as galinhas morrerem mais. O Senhor diz e eu faço tudo direito, porque eu sei lidar com as galinhas.

O Senhor me ajuda, sim?

JOSÉ GOMES DE LIMA
Sítio da Assunção.



Sobrescreveu a carta, caprichando bem na letra. E assim que pôde, lá se foi, contente, para o correio. Entregou a carta ao *seu* Rogério, da agência do correio, e pediu que lhe pusesse um selo.

Seu Rogério arregalou os olhos:

— Você está maluco, Juquinha! Então você não vê logo, êsses doutores são muito ocupados, vivem fazendo experiências, e não têm tempo para pensar na miséria da gente!

— Não faz mal, disse Juquinha meio encabulado. Não custa tentar...

E com o coração apertado, enfiou a carta selada na caixa do correio.

E a carta lá se foi! De cambulhada com outras,

depois de carimbada, foi metida num grande saco que o trem levou para longe.

Vocês já imaginaram, alguma vez, como seria engraçado se as cartas pudessem conversar umas com as outras, assim como nós conversamos? Apertadas nos grandes sacos, assim que o trem se pusesse em movimento elas começariam a falar. Cartas de todo jeito, umas ricas e enfeitadas, outras pobrezinhas e simples. Cartas de criança e cartas de pessoas grandes... Todas conversando, conversando, enquanto o trem vai caminhando, ora subindo, ora descendo, ora atravessando pontes, ora varando túneis.

A carta do Juquinha ficaria prosa, quando as outras, maiores e mais elegantes que ela, lhe perguntassem para onde ia, e ela respondesse:

— Eu? Ah! eu vou à Capital conversar com os sábios que fazem experiências nos laboratórios... (ela se lembrava do que dissera *seu* Rogério).

— Saia para lá, prosa! diriam as outras torcendo o nariz.

Então, a carta do Juquinha mostraria às outras, muito espantadas, o enderêço que levava, feito com a letra caprichada do Juquinha...

Enfim, a Capital! Estação grande, barulhenta, gente a correr de lá para cá. Outra vez lá se vai o saco de cartas parar sôbre uma grande mesa, onde

muitos empregados, sem perder tempo, as vão separando e amarrando em pacotes.

E a carta do Juquinha no meio delas! Ah, se êle pudesse estar dentro da carta, como estaria agora nervoso, quando o carteiro acabou de entregá-la no grande laboratório do Govêrno...

Mas lá de longe, lá do sítio da Assunção, êle acompanhava com o pensamento a sua carta querida. Que estaria acontecendo? Daria resultado a sua idéia?

Juquinha nada dissera a Nhá Zefa, pois queria pregar-lhe uma surpresa. Mas Nhá Zefa bem notava que o pequeno andava diferente, preocupado, até sem vontade de comer...

Que teria êle?

Às vezes ela chamava o Juquinha para perto de si e procurava, jeitosamente, fazê-lo contar o que tinha:

— Juquinha, você está escondendo alguma coisa de sua mãe...

Mas o Juquinha nada dizia. Êle esperava, e esperava com confiança.



Os dias passam

Os dias foram passando, devagar, muito devagarinho. Até parecia que eram mais compridos, agora. E nada de resposta!

Nem era bom passar no empório de *seu* Antonio para não ouvir suas brincadeiras:

— Então, já veio a resposta?... E o vendeiro soltava uma risada para caçoar do menino.

Os companheiros, na escola, não o deixavam quieto um só instante.

Um belo dia, apareceu no sítio da Assunção o *seu*

Quirino, que era o farmacêutico e sabia da história da carta. Começou a prostrar. O Juquinha estava com um medão danado de que êle falasse na carta e, assim, estragasse o segredo, contando tudo a Nhá Zefa!

Juquinha não parava perto de *seu* Quirino. Sempre que podia saía pela porta afora e ia ficar sozinho no meio das galinhas. Imaginava ouvir a todo momento a voz de Nhá Zefa a chamá-lo.

— Ora essa, pensava êle consigo, porque *seu* Quirino não vai embora?...

Afinal, a hora chegou, quando Nhá Zefa estava servindo o seu cafezinho ralo. *Seu* Quirino, querendo ser amável, passou a mão pela cabeça do Juquinha, que estava muito ressabiado, e perguntou-lhe:

— Ah!, já sei porque é que o nosso Juca está triste. E' porque a carta ainda não teve resposta, não é?

— Que carta, gente?! exclamou Nhá Zefa, que assim, veio a saber de tudo.

Mas, ao contrário do que imaginara Juquinha, Nhá Zefa não ficou contente com a idéia dele.

— Escrever para o Govêrno! Ora veja só! Só me faltava isso! E agora, que vamos fazer, se os homens do Govêrno ficarem zangados?!

Nhá Zefa não tinha instrução e não sabia que o Govêrno ajuda a todos, sempre com boa vontade. Para isso mesmo é que êle existe.



Uma carta!

Mas o diretor do laboratório não ficou zangado com a idéia do Juquinha. Pelo contrário! Leu a carta inteirinha e gostou muito dela. E logo mandou que se atendessem ao pedido do menino.

Daí a dias, Juquinha recebeu uma carta grande. No envelope estava escrito: *Serviço Público*.

Foi um dia de glória para êle. Mal podia abrir a carta, de tão nervoso. Foi mostrando a todo mundo, pelo caminho: *seu* Antonio já não deu mais sua risada e *seu* Rogério ficou assombrado.

— Uma carta do Governo para êle, o *Juquinha*

da *Nhá Zefa!* ou melhor, para o *Ilmo. Sr. José Gomes de Lima!*

Só quando chegou à casa é que o Juquinha pôde abrir a carta. Estava contentíssimo. Mas Nhá Zefa estava assustadíssima.

— Leia depressa, o que diz a carta, menino! Que será de nós, Santo Deus!

O Juquinha foi lendo aos arrancos, engulindo uma porção de palavras:

O diretor... manda dizer... teve prazer em receber a carta... já mandou... tomar providências...

— Está vendo, mamãe! exclamou Juquinha apertando a carta contra o peito. O Govêrno vai dar um jeito nisto! Que bom!

E saíu pulando!

Mas Nhá Zefa duvidava. Que jeito será que vão dar?...

A carta dizia ainda que um funcionário da repartição chegaria ao sítio da Assunção no dia 15 daquele mês para examinar a criação de galinhas e fazer o que fosse necessário.

Nhá Zefa não se conteve mais:

— E agora?! Como é que nós vamos nos arranjar?... Não temos nada, e agora como vamos pagar isso?... E você pensa que há de ser barato?... Um doutor que vem de tão longe, lá de São Paulo, só por nossa causa!

A aflição do Juquinha

Aquelas palavras zangadas de Nhá Zefa esfriaram o entusiasmo do Juca.

Tanto trabalho para, no fim de contas, a pobre Nhá Zefa se aborrecer assim!

À noite o pequeno mal pôde dormir. Quando ia fechando os olhos, o menor barulhinho o acordava. Atormentava-o a idéia de que não poderia pagar o preço pedido pelo funcionário do Govêrno. Talvez êle cobrasse muito caro, pois vinha de tão longe...

Porisso, dormia e acordava... dormia e acordava...

Por fim, os galos começaram a cantar. Um ou outro cachorro ladrava. Uma claridade cada vez maior foi entrando no quarto através das frestas da janela...

Era dia. Juquinha pulou da cama e, assim que pôde, tratou de sair, rumo à cidade.

Quem poderia valer-lhe naquela situação difícil?

Êle bem o sabia.

Depois de muito andar, muito mesmo, parou diante de uma casinha baixa, em cujo muro uma trepadeira em flor se agarrava firme. Encheu-se de coragem e bateu à porta.

Depois de pequena espera, ouviu passos. A chave virou na fechadura e, finalmente, a porta se abriu,

rangendo. Apareceu o padre Godofredo, sempre com aquele seu ar tão bondoso.

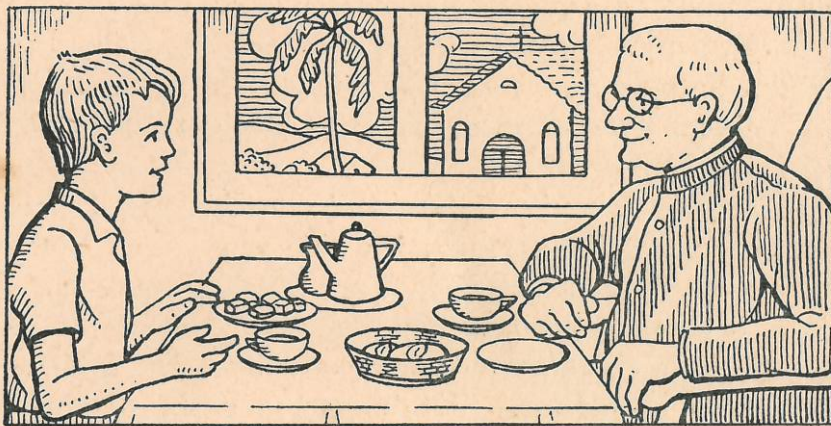
— Eh, Juquinha, que é isso? Deu formiga em casa?...

— Não senhor, *seu* padre. E' que eu estou pensando numas coisas, e talvez o senhor me possa ajudar...

— Ora, vamos a ver o que há! disse o padre levando o menino para a sala.

O Juquinha, afinal, contou tudo, tintim-por-tintim. Era um bom menino, e os meninos bons de verdade costumam contar tudo direitinho, sem pregar mentiras nem esconder nada.

Quando acabou de contar, viu o padre Godofredo recostar-se na cadeira e soltar uma gostosa risada. Mas não era como a risada do *seu* Antonio, para zombar dele. Era uma risada boa, que fazia bem à gente.



Parecia até que o céu é que estava rindo lá dentro dos olhinhos azues do padre.

— Mas você fez muito bem, Juquinha! Não tenha receios! Nhá Zefa que deixe de sustos. O Govêrno não lhe irá cobrar coisa alguma...

O bom do padre explicou, então, ao Juquinha que para poder prestar serviços como aquele é que o Govêrno fazia o povo pagar impostos. Cada pessoa paga ao Govêrno um pouquinho do dinheiro que possui ou ganha, e o Govêrno dá, em troca, uma porção de serviços que beneficiam a todos... E' por êsse modo que o Govêrno pode construir escolas onde todos aprendem a ler; e pagar os médicos que, nos hospitais públicos, atendem a qualquer pessoa; e manter bibliotecas e museus onde todos podem ler e estudar, e abrir estradas de rodagem pelo país inteiro...

— Que alívio! pensou consigo mesmo o Juquinha, enquanto se despedia do padre.

— Quando o técnico do Govêrno vier visitar vocês, eu também quero ir lá para aprender um pouco, disse o padre Godofredo. As galinhas daqui também andam mal, de vez em quando morre uma...

— Pois o homem do Govêrno vem no dia 15, *seu* padre.

— Muito bem! Então no dia 15 eu estarei lá na Assunção, pois também quero tratar direitinho das minhas pobres galinhas.

Afinal, o dia 15

Até que enfim chegou o dia 15. Juca estava ainda a varrer o terreiro junto da casa quando viu um automóvel do Govêrno parar lá na estrada. Era um automóvel esquisito, parecido com ambulância.

Dele saltou um moço alto e forte, vestido de macacão caqui, que foi logo perguntando:

— E' aquí o sítio da Assunção?

— E' aquí, sim senhor, disse o Juquinha.

E abrindo a cancela, disse:

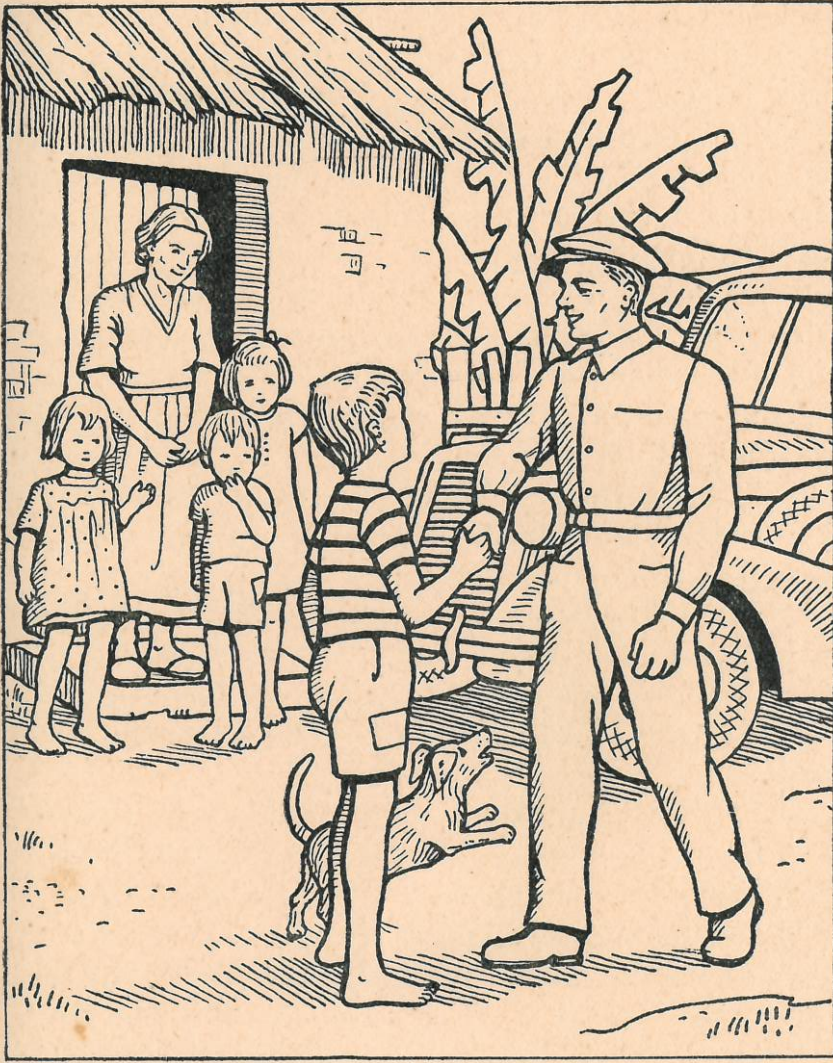
— O senhor pode entrar com o carro.

O moço tornou a entrar no automóvel e conduziu-o, a roncar, pelo caminho acima, até parar bem diante da porta da casa.

— Sim, senhor! que caminho difícil! foi dizendo ao saltar, enquanto cumprimentava o Juquinha, que quase arrancava as mãos, de tanto esfregá-las nas calças.

Logo apareceu Nhá Zefa, com os outros filhos à roda, todos meio espantados com a novidade.

O moço era bem diferente do que imaginara Nhá Zefa. Esperava ver um sujeito pernóstico, todo no trinquete, de sapatos de luxo...



Mas o *seu* Mário não era assim, não. Era um moço diferente do vendedor que impingira aquela porção de drogas.

Nhá Zefa logo se sentiu cativa pela simplicidade do moço, pelo jeitinho amigo com que êle acariciou as crianças e estalou os dedos para o cachorro que saltava em tórno dele.

— Então, o Govêrno era assim! pensava ela consigo mesma, enquanto enrolava o avental nas mãos e contava a história da doença das galinhas.

Assim que Nhá Zefa acabou de falar, o moço levantou-se e disse ao Juquinha:

— Bem, vamos dar uma espiada no galinheiro e ver se encontramos algum bicho doente ou morto.

E lá se foram.

Junto do poleiro, estava uma galinha morta, dura e roxa:

— Ih, a *Sura* morreu! exclamou o menino, muito triste. Era uma galinha tão boa, moço! punha tanto ovo!

Seu Mário arregaçou as mangas, abriu a maleta que trouxera, e dentro da qual havia ferramentas (facas, tesouras, uma porção de coisas). Colocou a galinha em-cima de um caixote, abriu-a, e começou a espiar lá dentro.

— Parece *cólera*, disse êle, mas isso saberemos depois. E começou a destroncar uma das pernas da

galinha e a descarná-la muito bem, até que o osso ficou muito bem limpo, sem carne alguma presa nele.

— Para que isso, moço?

— Este ossinho serve para o doutor examinar lá na capital. E assim explicando, embrulhou o osso num papel e colocou-o numa caixinha de madeira, na qual havia, já pronto, o enderêço do laboratório do Govêrno.

— Agora eu vou despachar isso pelo correio e logo saberemos o resultado. Enquanto a resposta não chega, vou dar um pulo nuns sítios vizinhos, e depois passarei por aquí novamente.

Fez um buraco muito fundo, enterrou a galinha morta e recomendou ao Juquinha:

— Toda galinha que morrer, enterre como esta aquí, ouviu? Nada de deixar bicho morto jogado por aí para os porcos foçarem... E' assim que as doenças se espalham!

E voltaram os dois para casa. *Seu* Mário explicou tudo de novo a Nhá Zefa e lhe disse que não se afligisse, porque a doença seria combatida e nunca mais voltaria.

Mas uma coisa eu vou desde já dizendo à senhora, Nhá Zefa. E' que há uma porção de coisas erradas na sua criação. Quando eu voltar, vou lhe auxiliar nisso...

Quando o *seu* Mário já se ia despedir, Nhá Zefa

cobrou coragem e arriscou a pergunta que tanto a preocupava:

— O senhor vai me desculpar a pergunta mas, o senhor compreende, nós somos pobres...

Seu Mário logo percebeu o que Nhá Zefa queria perguntar e foi dizendo:

— Não se incomode, Nhá Zefa, a senhora nada tem de pagar. Eu voltarei sempre que a senhora precise, e virei sempre de graça.

Quando o *seu* Mário ia já abrindo a portinhola do carro, um outro automóvel foi chegando ao sítio da Assunção. Era a baratinha do dr. Nóbrega, o médico do Centro de Saúde, trazendo o padre Godofredo.

Também o dr. Nóbrega estava interessado na criação de galinhas. Era preciso criar muitas galinhas pelo interior a dentro, dizia êle. O ovo é um dos melhores alimentos que há. Todo mundo deve beber muito leite e comer muitos ovos!

O dr. Nóbrega possuía uma chácara alí pelos arredores e seu sonho dourado era ter uma criação muito boa de galinhas para distribuir ovos pelos pobres do Centro de Saúde. Mas a criação dele também não ia para a frente, dava só prejuízo...

Ficou resolvido que o *seu* Mário iria dalí mesmo, diretamente, à criação do padre Godofredo.

E lá se foram os dois automóveis. Na frente ia a baratinha, para mostrar o caminho...

As pelotas

Na criação do padre Godofredo, a pintalhada estava doente, com o corpo cheio de pipocas. As cabeças, então, eram um Deus nos acuda! Tantas pipocas que chegavam a tapar os olhos. Alguns pintinhos tinham até febre e falta de ar. Ficavam encolhidos nos cantos, tremendo e esticando o pescoço, abrindo e fechando o bico...

Era uma pena! Olhando aquilo, *seu* Mário foi logo dizendo:

— Com certeza o senhor não vacinou êsses pintos!

— Nós aquí nunca vacinámos os pintos, disse o padre arregalando os olhos.

— Que vacina é que se usa? perguntou o dr. Nóbrega muito interessado.

— A *vacina contra a bouba*, explicou o moço. E mostrou um vidrinho pequeno, com um pozinho dentro. Basta arrancar umas peninhas da coxa e esfregar, no lugar delas, êste pozinho depois de bem misturado com água... Se o senhor não usar a vacina pode estar certo de que nunca poderá criar seus pintos...

— Então vamos vacinar logo! disse o bom do pa-

dre, a quem o *seu* Mário entregou, de presente, um vidrinho de vacina.

— Muito engraçado, disse o dr. Nóbrega, que estivera lendo a bula que acompanha a vacina: esta vacina é muito parecida, muito mesmo, com a *vacina contra a varíola...*

— Essa que a gente faz no braço, quando é criança?

— Essa mesma, respondeu o doutor. E pelo que leio aqui, essa doença é muito parecida com a varíola da gente...

— Mas pega na gente? perguntou o padre.

— Não, não, disse o *seu* Mário, essa doença só pega em galinhas e em perús.

— E como é que fazem essa vacina contra a boubaba? indagou o dr. Nóbrega, explicando ao mesmo tempo ao padre Godofredo que a vacina contra a varíola, que se aplica na gente, é preparada em bezerros.

— A vacina da boubaba é preparada em pombos: a gente depeña os pombos, esfrega na pele deles o micróbio da boubaba e quando a pele está cheia de pipocas, matam-se os pombos, arranca-se a pele, seca-se como se fosse um courinho e pica-se até virar pó...

— Faz pena pensar no sacrifício dos pombos! disse o bondoso padre Godofredo.

— Paciência, disse o dr. Nóbrega, mas é preciso para que as galinhas não morram de boubaba!



Seu Mário volta

Quando *seu* Mário voltou, uns cinco dias depois, já trazia um telegrama de São Paulo, com a resposta a respeito do ossinho que enviara para exame. Era *cólera* mesmo, como êle desconfiara. Também trouxera, dentro do automóvel, uma porção de pombos dentro de cestas especiais.

— Como é, tem morrido ainda muita galinha? foi logo perguntando.

— Não, disse Nhá Zefa, agora só de vez em quando morre uma... Também, sobraram bem poucas... E olhou desanimada para o terreiro, onde as galinhas ciscavam, de permeio com alguns leitões.

— Muito bem, explicou *seu* Mário, agora é que a nossa guerra vai começar. Até agora quem venceu foi a nossa inimiga, a *cólera*. Agora quem vai vencer, somos nós.

E contou a história da *cólera*:

— Quando a *cólera* dá numa criação, morrem logo muitas galinhas, morrem aos montes...

— Nem me diga! exclamou Nhá Zefa, quantas galinhas eu tenho visto morrer dessa peste!

— Pois é... morrem aos montes... mas algumas galinhas aguentam bem a doença e não morrem. E o micróbio da cólera, que é danado de esperto, também não morre: dá um jeito e fica morando na bôca da galinha, bem escondidinho, esperando o momento de entrar em ação...

— E' então, uma espécie de espião, disse o Juquinha, que tinha lido histórias de guerra.

— Isso mesmo. O micróbio da cólera fica disfarçado na bôca das galinhas, e vai passando de uma galinha para outra sem que ninguém perceba. Quando a galinha vai beber água, os micróbios ficam dentro da vasilha da água; quando outra galinha vai beber, lá se vão os micróbios para o seu bico...

— *Eta*, microbinho danado!

— Mas agora, que nós conhecemos a manha desses micróbios vamos pregar-lhes uma lição... Vamos descobrir as galinhas em que êles estão escondidos...

Dizendo isto, *seu* Mário tirou do automóvel uma porção de argolinhas de metal, cada uma com um número diferente. Também tirou uma porção de seringas e agulhas e as cestas com pombos.

— Agora você vai apanhando as galinhas, uma por uma, *seu* Juquinha!

O menino era muito prático em pegar galinhas e o serviço foi rápido: cada galinha que êle trazia, o

seu Mário marcava com uma das argolinhas de metal, que enfiava em uma das pernas. Depois, abria o bico da ave e retirava um pouco de cuspo, com a seringa. E, finalmente, injetava êsse cuspo em um pombo.

Todos os pombos traziam em um dos pés uma argolinha com número, de modo que o *seu* Mário podia saber, sempre, a que galinha correspondia cada pombo. Assim, êle sabia que o pombo 1 tinha sido injetado com cuspo da galinha 25; que o pombo 2 tinha sido injetado com cuspo da galinha 30, e assim por diante. Tudo isso êle assentava em um caderninho.

Acabado o serviço, depois que todas as galinhas haviam sido examinadas e numeradas, ficaram todas presas dentro do galinheiro e os pombos foram de novo colocados nas cestas em que tinham vindo.

— Amanhã, disse o *seu* Mário, nós iremos ver os pombos. Com certeza acharemos alguns mortos, os que foram injetados com o cuspo de tais galinhas que têm na bôca os micróbios da *cólera*...

Dito e feito. No dia seguinte havia seis pombos mortos, que o Juquinha retirou das cestas e cujos números foi lendo, para o *seu* Mário escrever. Eram os pombos, 3, 15, 18, 32, 11 e 7. *Seu* Mário abriu o caderninho e procurou os números das galinhas correspondentes. Eram as galinhas 36, 40, 82, 19, 17 e 20.

Seu Mário deu ordem a Juquinha para apanhar logo essas galinhas, e torcer o pescoço delas.



— Matar todas elas? exclamou o Juquinha meio espantado.

— Sim senhor, matar! Que é que se faz, na guerra, com os espiões?... Matando essas galinhas, sua criação está livre do micróbio da cólera. E daqui por diante, você poderá criar sem susto!

Depois de haverem sacrificado as galinhas, *seu* Mário e Juquinha, munidos de pá e enxada, revolveram toda a terra em volta dos galinheiros, lavaram muito bem as latas que serviam para as galinhas beberem e comerem, e finalmente foram limpar o galinheiro por dentro.

Aí, o serviço foi mais pesado. Lavaram o chão com água e sabão, esfregaram tudo muito bem. E quando o sol desaparecia por trás do bosque de eucaliptos, lá no fundo do sítio, ainda estavam os dois a esfregar e lavar valentemente o chão.

De noitinha, antes de irem para a cama, o Juquinha, auxiliado de vez em quando pelo *seu* Mário, explicou a Nhá Zefa tudo que haviam feito durante o dia. Nhá Zefa ficou muito espantada ao saber que algumas galinhas tinham sempre o micróbio da cólera na bôca, e achou muito justo que se matassem essas galinhas, pois eram as responsáveis pela morte das outras.

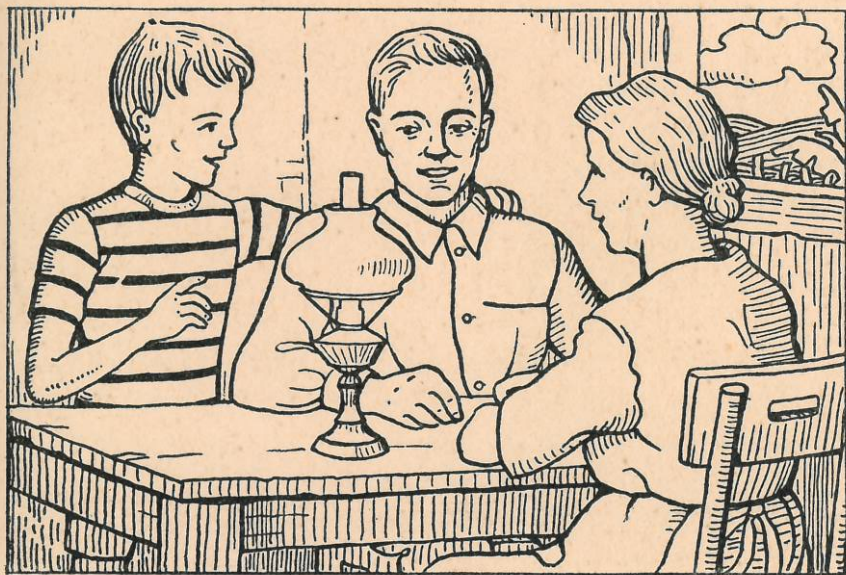
Então *seu* Mário aproveitou para explicar que a gente deve ter muito cuidado para não deixar entrar

no galinheiro galinhas de fora, porque estas podem ser das tais que trazem micróbios na bôca.

— Agora me lembro, disse Nhá Zefa! Essa doença não existia antigamente neste sítio! Ela começou a aparecer quando o meu finado marido comprou um lote de galinhas de Nhô Fredo. Foram elas que trouxeram a doença!

— Pois bem, agora a doença vai acabar, disse seu Mário.

— Hoje foi o dia da grande batalha! disse Juquilha, e a vitória será nossa.



Conselhos

No dia seguinte, bem cedinho, *seu* Mário e Juquinha já estavam de pé, espiando as galinhas no galinheiro. Nenhuma triste, nenhuma jururú. Depois foram ver os pombos. Todos espertinhos! nenhum outro havia morrido.

— Tudo vai muito bem! disse *seu* Mário esfregando as mãos. Amanhã já poderei ir visitar a chácara do dr. Nóbrega.

— Mas antes de ir, o senhor vai explicar o que prometeu a mamãe, não vai?

— Que é que eu prometí, Juquinha?

— A endireitar de vez a criação. Nós queremos criar muito mais, e ter muito mais ovos. Eu queria que a nossa criação fosse muito grande...

— Isso é fácil, Juquinha, mas temos de ir devagarinho. O principal já fizemos, que era acabar com a cólera... Quando eu vier aqui outra vez, iremos consertar e melhorar o galinheiro...

— Precisa muito dinheiro para isso, não?

— Tábuas, pregos, uma lata de pixe... Sabe, pre-

cisamos também cercar uma parte do sítio só para as galinhas. Isso como está, não dá certo: galinha misturada com porcos e patos e aqueles pintos novinhos a ciscar na lama... E' assim que êles apanham vermes e *coccidiose*...

— Nós dois podemos fazer isso tudo, não podemos? Eu sou bom mesmo, na carpintaria!

— Depois, então, teremos de arranjar umas galinhas melhores...

— Então, estas não são boas? A *Sura*, aquela que morreu outro dia, punha muito ovo!

— Mas há ainda galinhas muito melhores! Há galinhas que põem ovo quase todo dia, e vão assim o ano inteiro. São galinhas de raça...

— Nem têm tempo para chocar, então?!

— Pois é, elas não chocam! Quem choca os ovos delas são as chocadeiras...

— Ah, sei, eu já vi uma chocadeira...

— Com o tempo, Nhá Zefa comprará uma chocadeira grande, para incubar os ovos... E adeus galinhas chocas!...

Palestrando, os dois se foram metendo pelo mato, à procura de um bom lugar para o futuro galinheiro. Acharam, afinal, um lugar excelente, lá perto dos eucaliptos.

— Aquí, disse *seu* Mário, estendendo o braço, será o futuro *Aviário da Assunção!*

A escolha de um bom terreno

Era um bom pedaço de terreno, levemente inclinado, de modo que em tempo de chuva a água não empoçava.

— O terreno deve ser bem sêco, disse *seu* Mário. Aquele bosque de eucaliptos alí atrás está muito bem porque protege o terreno do vento frio que vem do sul... Aquí podemos fazer um aviário excelente. E com o tempo havemos de plantar algumas laranjeiras para darem um pouco de sombra...

— E se fizéssemos a criação lá no bosque dos eucaliptos? Lá dentro quase não entra sol.

— Isso é que não! As galinhas precisam de sol e não podem viver na sombra. A sombra é só para de vez em quando, nas horas mais quentes do dia! Todos precisam de sol: as galinhas, os bois, você, eu... Quem não toma sol fica enfezado e raquítico.

— Eu li num livro, disse o Juquinha, que o sol tem... *vitaminas!*

— Não, não é isso, explicou *seu* Mário. Sob a ação da luz do sol o nosso próprio corpo e as plantas fabricam uma espécie dessas vitaminas de que tanto

precisamos. Além disso, o sol é um bom desinfetante. Mata os micróbios que causam doenças. Porisso é que os antigos diziam que «onde entra o sol não entra médico». Eles queriam dizer que quem vive ao sol e ao ar livre tem menos doenças do que os que vivem enfiados dentro de casa, com as janelas sempre fechadas...

— Então os nossos galinheiros terão de ser bem abertos, para que o sol entre à vontade, lembrou o menino.

— Justamente! Eles terão a frente quase toda aberta e voltada para os lados do nascente, de modo que recebam sol toda a manhã.

Quando estavam mais entretidos a contemplar o terreno escolhido, ouviram um buzinar impaciente de automóvel. Era a baratinha do dr. Nóbrega, que acabara de parar à porta da casa, à espera do *seu* Mário.

Os dois deitaram a correr para casa. Enquanto *seu* Mário procurava a maleta de ferramentas, Juquinha pedia a sua mãe permissão para ir também à chácara do dr. Nóbrega.

E lá se foram os três. Mas, dessa vez, era Juquinha quem, todo cheio de si, carregava a maleta.

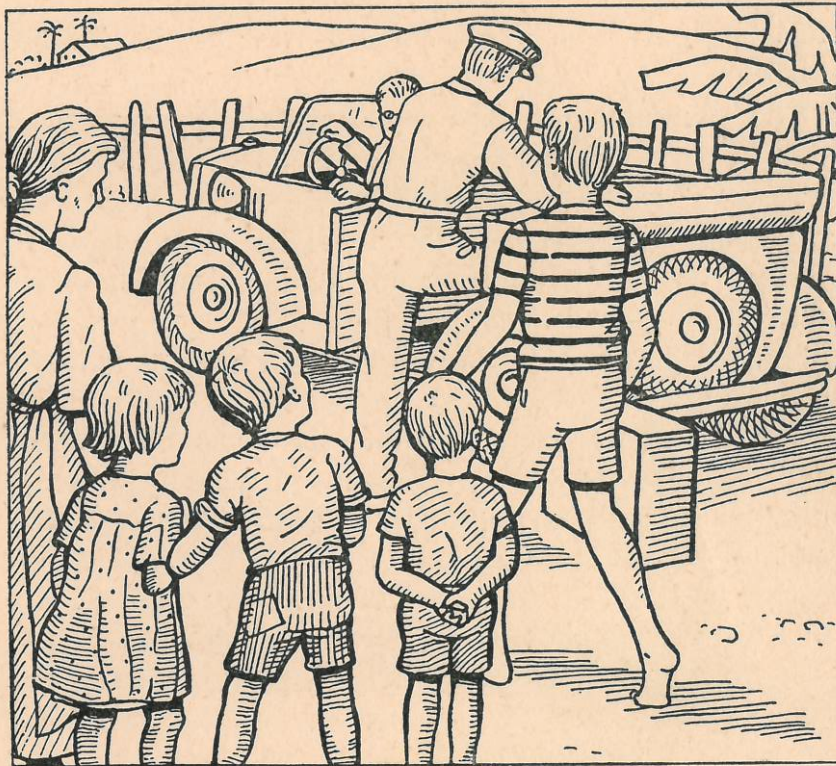
Ao vê-lo partir, Nhá Zefa, da porta da casa, caçoou:

— Até parece um *doutor*!

E os outros meninos, valendo-se da brincadeira, começaram a zombar:

— *Doutor da mula russa, doutor da mula russa!*...

Juquinha, porém, não se importava. Sentia-se um homem, e não se aborrecia com a brincadeira dos outros.



Na chácara do dr. Nóbrega

O dr. Nóbrega tinha uma bonita chácara.

Sua espôsa, D. Adeláide, esperava os visitantes na varanda, com bolinhos e café.

As galinhas do dr. Nóbrega eram de boa raça: eram galinhas *Legornes*, muito branquinhas, com crista vermelha e pernas amarelas. Mas a criação não ia nada bem. D. Adeláide contou que as galinhas estavam sempre a morrer e ela já estava desanimada. Cada vez colhia menos ovos!

Seu Mário não perdeu tempo. Assim que se encontrou no galinheiro, foi direito aos poleiros. Desmontou-os, despregando os sarrafos e exclamou, dirigindo-se a D. Adeláide:

— Também, que sócio a senhora foi arranjar! Olhem só!

E mostrou uma das ripas do poleiro, toda cheia de rachaduras, dentro das quais havia grande quantidade de carrapatos.

— Percevejos! exclamou D. Adeláide.

— Por aquí chamam êsses bichos de percevejos, mas percevejo é outra coisa. Êstes são carrapatos!

— Parecem tartaruguinhas, disse o Juquinha, mexendo num deles com um pauzinho... E olhe só êste aquí, disse apontando para um outro, tão gordo que parece uma bola...

— Está cheio de sangue, disse *seu* Mário, sangue que êle chupou das galinhas à noite... E, esmagando-o, mostrou como de dentro do carrapato saía uma porção de sangue.

— Coitadas de minhas galinhas, disse D. Adeláide, agora percebo porque não engordam!

— E o peor não é isso. O peor é que êsses carrapatos quando chupam o sangue de uma galinha podem injetar nelas um micróbio danado, o *espiroqueta*...

— *Espicoreta?* perguntou Juquinha, que nome!

— Não, *es-pi-ro-que-ta*, ensinou *seu* Mário. São uns micróbios que parecem cobrinhas pequenininhas, tão pequenas que a gente não pode ver, sem o microscópio. Quando o carrapato injeta êsses micróbios nas galinhas, elas vão entristecendo, entristecendo, até morrer.

— Então é isso que está acontecendo aquí, disse D. Adeláide. Precisamos acabar com êsse carrapato.

— Sabe o que a senhora deve fazer, D. Adeláide? Deixe êsse galinheiro vazio umas duas semanas, que os carrapatos morrem de fome, sugeriu o Juquinha.



— Qual o que! disse *seu* Mário. Esse bichinho aguenta até um ano sem comer. Fica magrinho, sequinho, mas não morre!

— Praga danada, disse o dr. Nóbrega. Temos de acabar com ela.

— Pois o senhor não se incomode, disse o Juquinha, deixe isso por nossa conta, que nós daremos cabo desses carrapatos. Aqui conosco é tiro e queda!

Enquanto assim conversavam, *seu* Mário ia cantando os carrapatos e colocando-os dentro de um vidro, para levá-los para São Paulo. Juquinha logo se pôs a espiar aqui e ali, e logo voltou trazendo nada menos de seis galinhas muito tristes, muito doentes mesmo.

— Essas já estão com o tal de *espicoreta!* disse êle.

— Espiroqueta, emendou o dr. Nóbrega, rindo.

E de fato estavam. *Seu* Mário, então, aconselhou o dr. Nóbrega a vacinar as outras galinhas, para evitar que continuassem a morrer tantas. E logo se puseram a trabalhar. Juquinha pegava as galinhas, *Seu* Mário injetava nelas a vacina e o dr. Nóbrega as punha dentro do galinheiro.

Acabado o serviço, *seu* Mário disse:

— Agora, os carrapatos podem chupar à vontade, que o espiroqueta não pega mais nas galinhas! E que aproveitem para chupar hoje, porque amanhã nós vamos acabar com êles...

Guerra aos carrapatos

No dia seguinte, bem cedinho, *seu* Mário e Juquinha já estavam no galinheiro a lidar com os carrapatos. Desmontaram todos os poleiros e fizeram com êles uma grande fogueira.

Com sarrafos e caibros novos fizeram poleiros novos. Depois lavaram tudo muito bem com água e sabão: poleiros, paredes, chão, ninhos.

Quando a água já estava começando a secar na madeira, começaram a preparar a pintura. Num grande tacho misturaram querosene com uma espécie de pixe, chamado *carbolíneo*, e com uma brocha começaram a pintar tudo. À noitinha, o galinheiro estava todo pintado, mas o cheiro era muito forte, tão forte que êles resolveram deixar as galinhas de fora durante a noite.

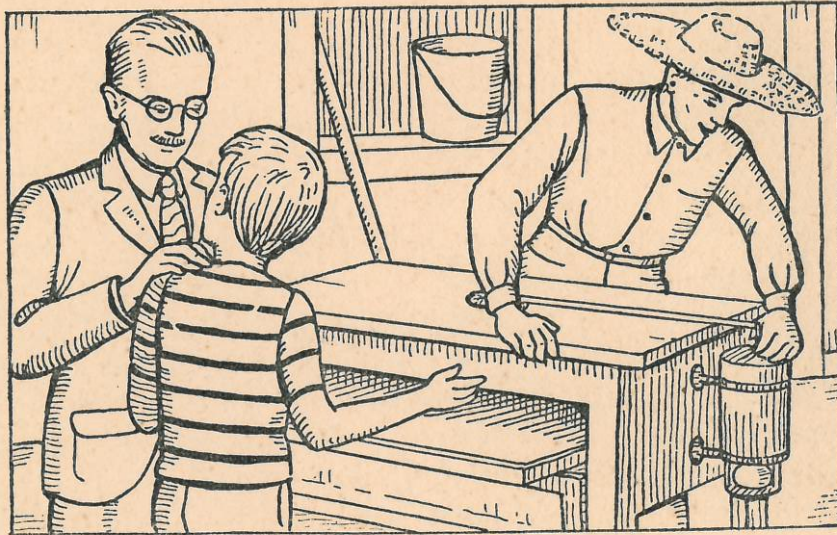
E foi assim que acabaram os carrapatos na chácara do dr. Nóbrega. Não ficou um só para amostra!

Juquinha não perdia tempo. Enquanto não estava trabalhando estava espiando aquí e alí, apreciando o galinheiro e as galinhas do dr. Nóbrega. O que mais o

encantou foram as chocadeiras. O dr. Nóbrega possuía duas, uma delas muito velha e já sem uso.

Quando o médico disse que não usava mais a chocadeira velha, Juquinha logo propôs comprá-la.

— Com que dinheiro? perguntou *seu* Mário gra-
cejando.



— Com o dinheiro dos ovos que vou vender. Agora nossas galinhas não vão mais morrer, e logo teremos dinheiro para pagar a chocadeira.

— Negócio fechado, disse o dr. Nóbrega. Você leva a chocadeira e depois me paga, quando puder.

E foi assim que Juquinha adquiriu uma choca-

deira, que *seu* Mário depois consertaria e poria a funcionar para êle.

Além das galinhas, havia na chácara um excelente pomar, e Juquinha bem gostaria de ficar bastante tempo gozando da hospitalidade do dr. Nóbrega e de D. Adeláide.

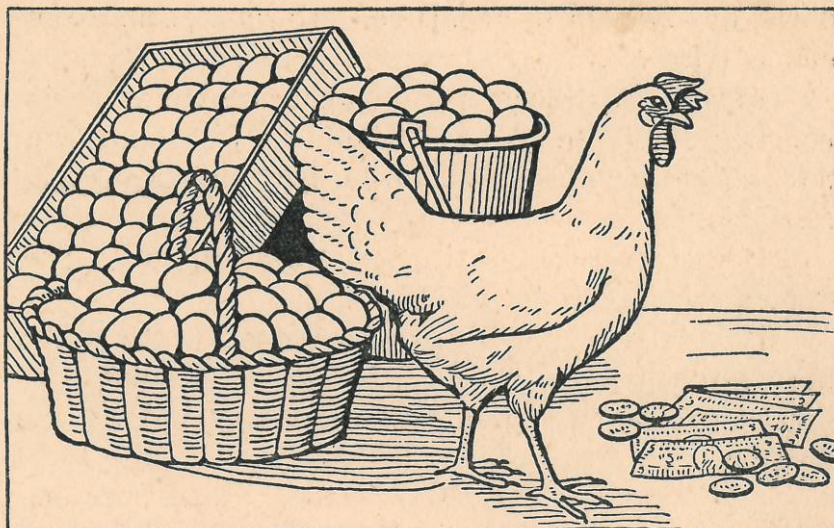
Mas era preciso partir. *Seu* Mário tinha uma porção de criadores para visitar...

D. Adeláide, porém, não os deixou partir assim tão de repente. Havia preparado doces e bolos e os úteis e diligentes visitantes não poderiam partir sem prová-los.

Enquanto comiam, na varanda apareceram o major Romão e o coronel Candoca, dois fazendeiros vizinhos, que vinham por um dedinho de prosa. A conversa logo se generalizou. Ao saberem da trabalhadeira que todos haviam tido, naquela manhã, com os carapatos, começaram a zombar, pois não acreditavam que valesse a pena cuidar das galinhas.

— Galinha é bicho para morrer mesmo! dizia o coronel, que, a-pesar-de ter mais de seis mil alqueires de terra, não possuía mais do que umas poucas galinhas, que raramente punham, e viviam sempre empiolhadas.

— Não senhor! respondeu o Juquinha. O senhor está enganado. Se a gente tomar cuidado e criar as galinhas direitinho elas podem dar até muito dinheiro!



Quanto rende uma galinha

O dr. Nóbrega, que estudava com muito carinho tudo quanto se referia à criação de galinhas, explicou ao coronel:

— A comida que uma galinha come não custa mais que alguns tostões por mês. Pois bem, em um mês, uma boa galinha pode pôr dúzia e meia de ovos. Por barato que venda, veja o lucro que se pode ter.

— Pode ser, disse o coronel, que não se convencia facilmente. E' pelo menos o que os livros dizem! Mas

o que eu sei é que nunca pude criar nem cinquenta galinhas. E as que tenho, comem mais do que botam...

— Isso é porque suas galinhas não são de raça, disse o dr. Nóbrega.

— Pois o compadre Tico comprou das tais galinhas de raça e o coitado não consegue tirar pintos dos ovos que põe para chocar. Ainda hoje de manhã êle estava todo aflito porque quase todos os ovos da chocadeira estavam gorados. E só vendo quantos pintos êle tem perdido!

— Isso é outro caso, disse o *seu* Mário. Com certeza as galinhas de raça que êle comprou não têm boa saúde! E isso é fundamental. Sem saúde nenhum animal pode produzir. A vaca não pode dar leite, a galinha não pode dar ovos.

— Mas as galinhas do compadre são bonitas, coradas...

Então *seu* Mário explicou que existe uma doença chamada *pulorose* que dá nas galinhas sem que elas fiquem tristes: mas os ovos que elas põem, ou goram ou dão pintos doentes...

E explicou ao coronel:

— Eu aposto que entre as galinhas do *seu* Tico há algumas atacadas de *pulorose*!... Se o sr. quiser, vamos lá, já.

Ovos gorados

O coronel não pôde rejeitar. Tomou lugar no automóvel do Govêrno, ao lado do *seu* Mário e do Juquinha.

Seu Mário deu a partida. O motor pôs-se a roncar e o automóvel saiu a correr pela estrada. O coronel ia indicando o caminho e ao mesmo tempo fazendo perguntas sôbre perguntas ao *seu* Mário.

— Se o sr. resolver as dificuldades do compadre Tico, disse êle afinal, então, sim, eu acreditarei nessa história de criar galinhas.

Ao fim de meia hora eram recebidos pelo compadre Tico, que estava devêras abatido com o que acontecera com os ovos. Foi logo levando os visitantes para o quarto em que estava a chocadeira.

— Céus! exclamou o Juquinha ao ver tanto ovo gorado.

Os poucos pintinhos que tinham nascido, davam dó: estavam visivelmente doentes...

Seu Mário não mais duvidou.

— Deve ser a *pulorose*, disse êle. E vamos examinar suas galinhas já.



Em pouco tempo arrumaram uma mesa lá fora, junto do galinheiro. Sobre ela, *seu* Mário colocou um pedaço de vidro e começou o trabalho: ia pingando no vidro gotinhas de um remédio roxo e misturava com cada uma delas um pouquinho de sangue de cada galinha.

Já tinha feito o exame de algumas aves, quando de repente, ao misturar com a gotinha roxa o sangue de uma galinha, viu que dentro da gota apareciam muitos grãosinhos roxos:

— Aquí está uma portadora de *pulorose*! Separe esta galinha, disse êle ao *seu* Tico, que olhava tudo muito espantado.

E logo depois apareceu outra, e muitas outras.

Acabado o serviço, *seu* Mário explicou que as galinhas que haviam separado, não prestavam e deviam ser mortas.

— Mas são galinhas bonitas! disse o *seu* Tico. E eu as comprei muito caro! Não parecem doentes!

— E' mesmo, elas parecem até muito boas, disse o Juquinha.

— Parecem, mas não são. Estas galinhas põem ovos doentes, e os pintos que nascem dêsses ovos morrem!

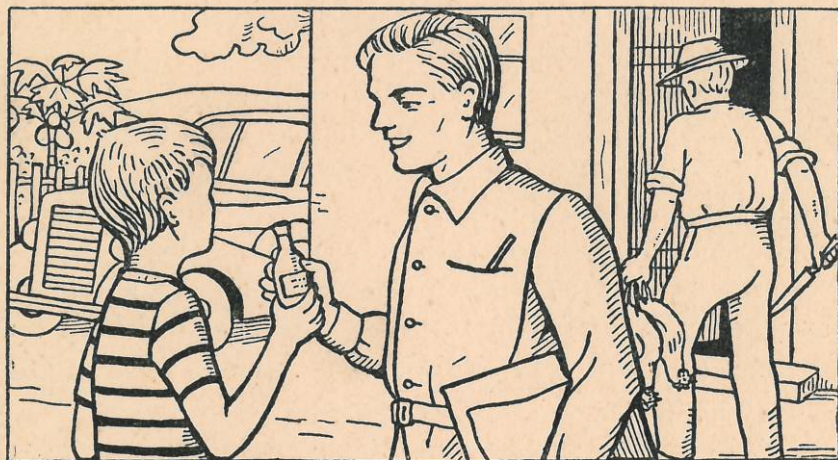
Seu Tico era teimoso e desconfiado. Era difícil acreditar que galinhas tão bonitas e fortes dessem maus ovos e espalhassem doença. Mas *seu* Mário ti-

nha muita paciência... Foi buscar um quadro onde havia bonitos desenhos mostrando como a *pulorose* se espalha. E leu também um folheto publicado pelo Governo, o qual explicava que a *pulorose* era uma das peores doenças das galinhas.

Afinal, o criador acabou por convencer-se e passou a faca no pescoço das galinhas.

— Agora que você já sabe fazer êsse exame, disse o *seu* Mário ao Juca, vou lhe dar um pouco dêste remédio roxo para você examinar as galinhas do sítio da Assunção. E' capaz?

— Se sou! exclamou o menino. E vou fazer o exame sem demora, pois não quero ver ovos gorados na minha chocadeira.



Adoece a Pintada

No dia seguinte *seu* Mário partiu para visitar outros criadores em municípios vizinhos. Ficou de regressar ao sítio da Assunção uns dez dias depois.

Assim que *seu* Mário se foi, Juquinha logo arranhou pretexto para voltar à chácara do dr. Nóbrega.

Queria pedir ao bom do médico umas tábuas velhas que vira num galinheiro abandonado da chácara. Com elas poderia fazer um cercado grande para separar as galinhas dos porcos.

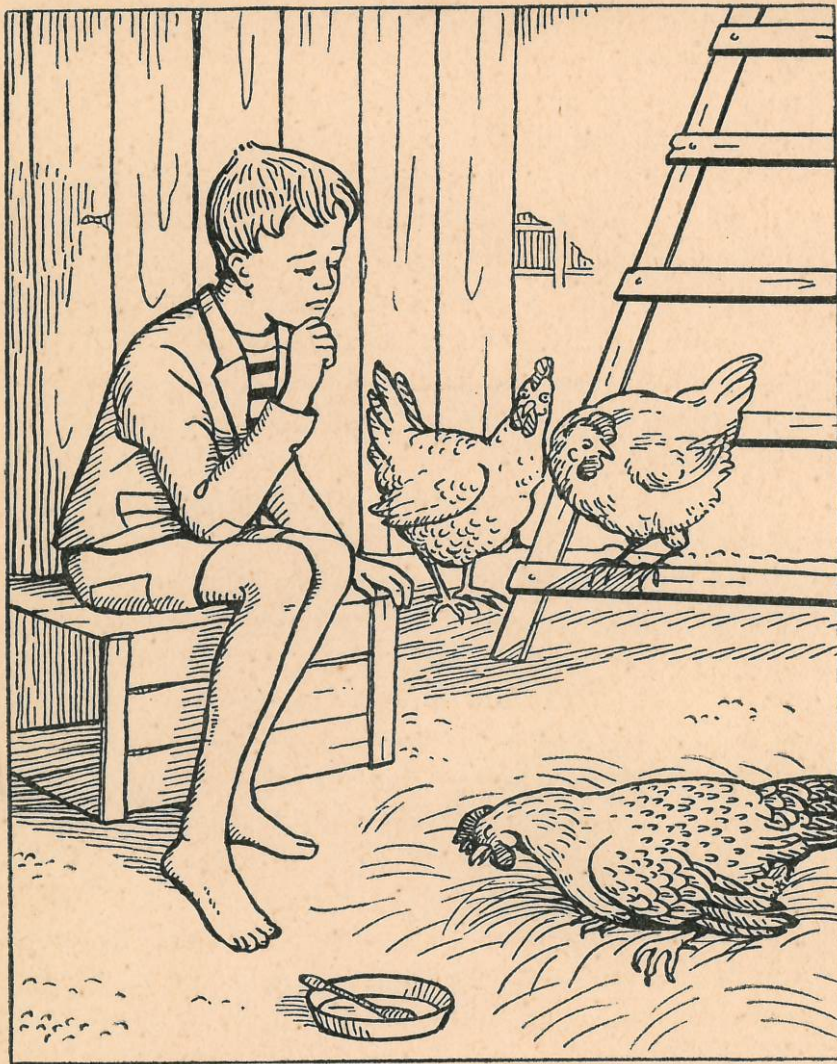
O dr. Nóbrega não precisava das tábuas e disse ao Juquinha que podia levá-las. Era até favor, para desocupar lugar. Mas, dadas, não. Êle as vendia.

— A gente precisa aprender a contar consigo mesmo! Para isso é preciso aprender a trabalhar. Quem trabalha, pode assumir compromissos. Vendo as tábuas por mil e duzentos! Aceita?...

Juquinha aceitou. Valiam muito mais!

Assim que as tábuas chegaram ao sítio da Assunção, Juquinha logo tratou de colocá-las dentro do galinheiro, bem guardadinhas, à espera da ocasião em que pudesse fazer o cercado.

Tão entusiasmado estava com as tábuas que nem



viu que elas estavam cheias de buracos e rachas, dentro das quais havia uma porção de carrapatos escondidos, daqueles terríveis carrapatos que estavam dando cabo das galinhas do dr. Nóbrega.

Alguns dias depois, aconteceu o que o menino nem de longe podia esperar: três galinhas amanheceram encorujadas, muito tristes. Cinco dias depois, duas delas morreram, ao mesmo tempo que outras começavam a adoecer, duas ou três por dia.

— Santo Deus! exclamou Juquinha ao perceber que a doença estava de novo tomando conta das galinhas. Será que a *cólera* está voltando?...

Até que um dia a doença não respeitou nem a *Pintada*, a choca de que Juquinha tanto gostava, galinha tão boa e tão mansinha que até vinha comer na mão do menino.

Ao vê-la doente, o pequeno não se conteve e desatou a chorar. Ficava junto da pobre ave horas seguidas, procurando dar-lhe água e leite.

Passou-se o primeiro dia e mais o segundo, e a *Pintada* cada vez peor. Já nem mais ficava de pé: estava largada, com os olhos fechados e a crista muito roxa, consumida por um febrão medonho.

— Ah, se *seu* Mário voltasse agora! pensava o menino, aflito, sem saber o que fazer para arrancar das garras da morte o pobre animal que tanto parecia sofrer.

Um sábio alemão salva a *Pintada*

Seu Mário apareceu de volta, afinal, no terceiro dia, justamente quando a *Pintada* parecia peor, e o Juquinha já estava perdendo todas as esperanças. Vendo o Juquinha tão triste e abatido, logo percebeu que alguma coisa de muito grave acontecera e foi perguntando:

— Que é que aconteceu, Juquinha?

— E' a *Pintada* que está doente, está quase morrendo...

Seu Mário olhou a *Pintada* e as outras galinhas que estavam doentes e começou a fazer perguntas sobre a doença, até que descobriu dentro do galinheiro o montão de tábuas velhas que o menino trouxera da chácara do dr. Nóbrega. Começou a examiná-las e logo encontrou os carrapatos escondidos nos buracos e nas rachas das tábuas.

— Céus, disse êle, de onde vieram essas tábuas?

— Eu trouxe da chácara do dr. Nóbrega, para fazer um cercado.

— Olhe o que você trouxe nas tábuas: carrapatos! E os carrapatos trouxeram para cá a doença que estava dando nas galinhas do dr. Nóbrega...

— ...a *espiroquetose*! concluiu o Juquinha, muito encabulado.

— Isso mesmo, disse *seu* Mário. Agora é trabalho dobrado para você, pois é preciso acabar já, já, com êsses carrapatos.

— ...e injetar a vacina nas galinhas, não é?

— Sim, senhor, mas temos de andar de-pressa. E nunca mais traga para cá madeira velha de outros galinheiros, ouviu? disse *seu* Mário, fingindo-se zangado.

— Deus me livre, nem de graça! foi logo dizendo o menino.

Mas o que o Juquinha mais desejava naquele momento era salvar a *Pintada*. E porisso perguntou, com os olhos cheios de lágrimas:

— Não haverá um jeito de curar a *Pintada*? O senhor sabe, nós gostamos tanto dela...

— Jeito há, mas não sei se chegaremos a tempo... Ela está quase morrendo! E' preciso arranjar o remédio já, já. Talvez o dr. Nóbrega o tenha em casa, pois é remédio que também serve para gente... Vamos lá saber.

Treparam no automóvel e partiram.

Tiveram sorte. O dr. Nóbrega tinha uma caixa do remédio e lhes cedeu uma ampola.

Voltaram como tinham ido, sem perder tempo.

Assim que chegaram ao sítio da Assunção, *seu* Mário quebrou a ampola, misturou com água o pozinho amarelo que havia dentro dela, e encheu uma seringa com êsse remédio. Juquinha foi buscar a *Pintada*, que estava quase morrendo. *Seu* Mário não perdeu tempo e deu a injeção bem de-prensa no peito da galinha. Para aproveitar o resto do remédio injetou também as outras galinhas que estavam tristes.

— Agora é só esperar pelo resultado.

Para matar o tempo, foram dar uma volta pelo sítio. Enquanto passeavam, Juquinha aprendeu que aquele remédio se chamava «914» e era uma das maiores descobertas da medicina.

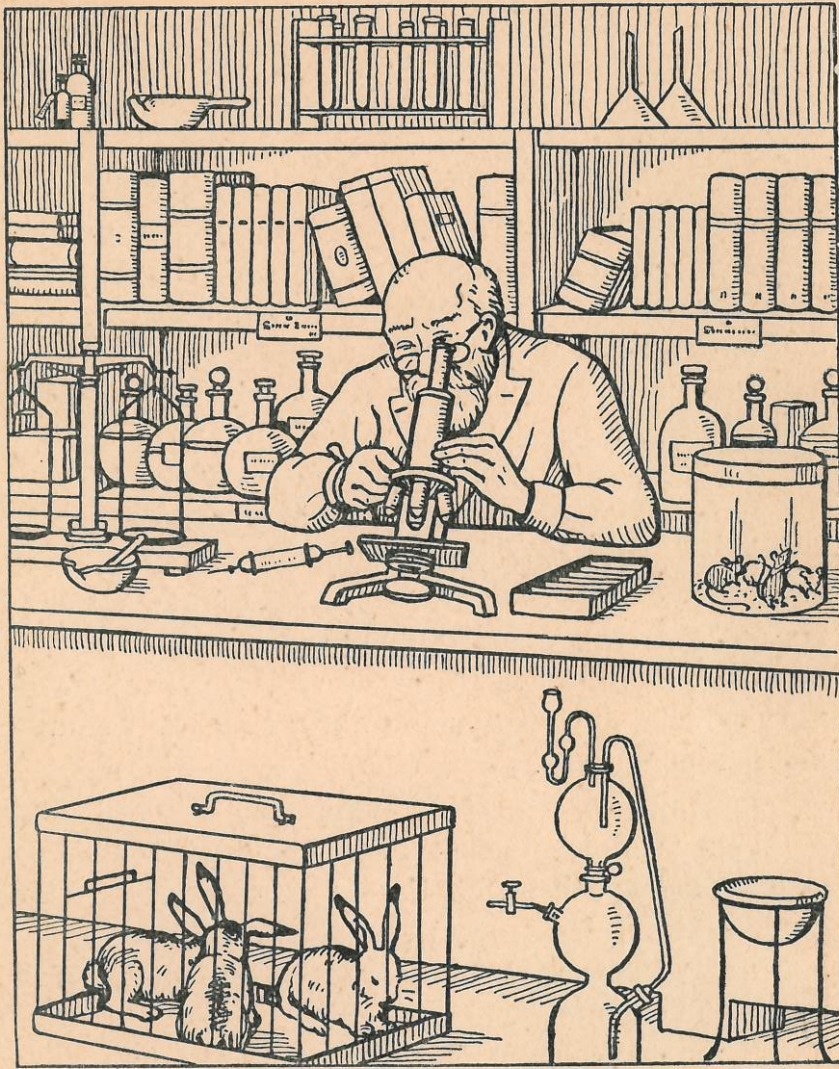
Quando voltaram, ao fim de vinte minutos, a *Pintada* parecia mais esperta. Já abria os olhos e se mexia um pouquinho.

Imaginem a alegria do Juquinha!

Pela tardinha, lá pela hora do jantar, a *Pintada* já estava de pé bebendo água e procurando comida. Parecia outra. A doença tinha sido vencida.

— Que remédio! — exclamava o pequeno, saltando de contente.

E abraçava o *seu* Mário, dizendo satisfeito:



— O senhor salvou a *Pintada*, o senhor é um herói!

— Eu não, disse o *seu* Mário, eu apenas injetei o remédio. Quem de fato salvou a *Pintada* foi quem descobriu êsse remédio extraordinário, que tem salvado milhões e milhões de vidas por êste mundo afora... Foi um sábio alemão que vivia num laboratório às voltas com camondongos, coelhos e galinhas...

Ao ouvir estas últimas palavras do *seu* Mário, Juquinha lembrou-se do que lhe dissera o agente do correio sôbre os homens que trabalham nos laboratórios: eram uns doutores muito ocupados que só cuidavam de suas experiências e não pensavam na miséria dos outros...

— Que grande injustiça! pensou o menino.

E, intimamente, abençoou o sábio que salvara a *Pintada*, e todos aqueles que, como êle, se dedicam nos laboratórios, a lutar contra as doenças.

Melhoramentos

Chegou afinal, o dia de *seu* Mário partir. Foi um dia bem triste para o Juquinha, que ficara tão bom amigo dele. Mas que fazer?

A vida de *seu* Mário era essa mesma! Hoje aquí, amanhã alí, ensinando os criadores a combater as doenças...

Mas voltaria muitas vezes.

Agora o Juquinha ficava sabendo muito bem o que fazer. E tinha um programa muito grande: melhorar o galinheiro, transformar aquela tapera em um grande aviário.

E de fato as coisas foram melhorando. As galinhas viviam tranquilas, livres da cólera e espiroquetose e só morriam de velhas!

A comida foi aos poucos endireitando. Milho só não basta, dissera *seu* Mário. A galinha que só come milho engorda, engorda, mas não põe bastante.

Para botar mais ovos, ela tem de comer outras coisas, como farelo e farinha de carne... E também pre-

cisa de *casca de ostras moída* para com isso fabricar a casca dos ovos que tem de pôr. E muita verdura fresca! As galinhas que não comem bastante verdura ficam fraquinhas; os ovos que elas botam têm gemas muito claras e são também menos nutritivos. Nós também não podemos comer uma coisa só, como arroz ou feijão. Para sermos fortes temos de comer comida bem variada; a carne, o leite, os ovos são alimentos muito bons. E também nós não podemos dispensar as verduras...

Também as galinhas não comeram mais em latas sujas ou em cuias velhas. Juquinha arranjou *comedouros* especiais fechados com uma gradezinha, de tal forma que as galinhas não pudessem pisar na comida, mas somente enfiar o bico para comerem.

E os pintinhos não eram mais criados com galinhas chocas.

Os ovos eram chocados na velha chocadeira do dr. Nóbrega. Os pintos que deles nasciam eram criados dentro de um barracãozinho bem fechado e não andavam soltos pelo terreiro, junto com os porcos e as galinhas crescidas. Juquinha cercara um pedacinho de terreno só para êles.

O ninho alçapão

E, para encurtar a história, a verdade é que, assim, aos poucos, o sítio da Assunção foi-se transformando.

Todo ano *seu* Mário vinha uma ou duas vezes para ajudar.

Ajudou a cercar o lote de terreno destinado ao novo aviário, revolver a terra e levantar os novos galinheiros, feitos modestamente, mas com muito cuidado.

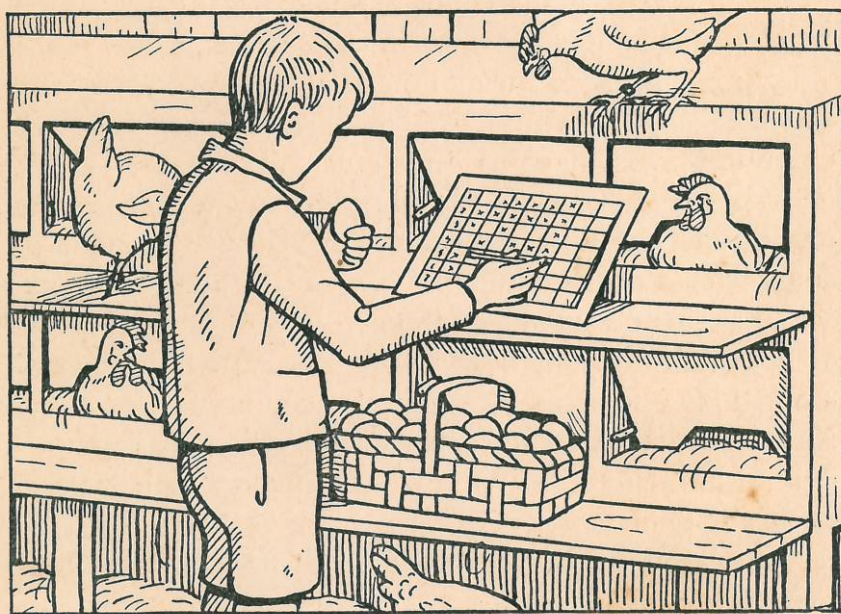
Juquinha era valente para trabalhar. Com serrote, pregos e martelo fazia uma porção de coisas úteis: casinhas de todo jeito para abrigar as aves, ninhos de alçapão para as galinhas...

Sabem vocês o que sejam *ninhos de alçapão*? São uns caixotes de madeira com uma portinha que fica levantada e presa por uma armadilha. Quando a galinha entra no caixote para pôr, a portinha cai e assim a galinha fica presa lá dentro. O criador, então, quando passa pelo galinheiro e vê a galinha presa no ninho, abre a portinha, pega a galinha para ver o seu número (cada galinha tem um anel na perna com um

número) e assenta, num livrinho especial, que aquela galinha pôs um ovo...

Assim, êle pode saber, no fim do mês, quantos ovos cada galinha pôs. Pode saber quais são as galinhas que põem muito, isto é, as *trabalhadeiras* e as que põem pouco, isto é, as *vadias*...

E somente das galinhas que põem muito é que êle tirará pintos, pois as galinhas que põem pouco geralmente têm filhas que também são vadias...



As boas raças

Mas não bastava acabar com as doenças, dar boa comida e construir abrigos para as galinhas.

Era preciso ir substituindo as galinhas comuns por galinhas de *raça boa*. Juquinha sabia bem disso, pois *seu* Mário já lhe tinha explicado isso.

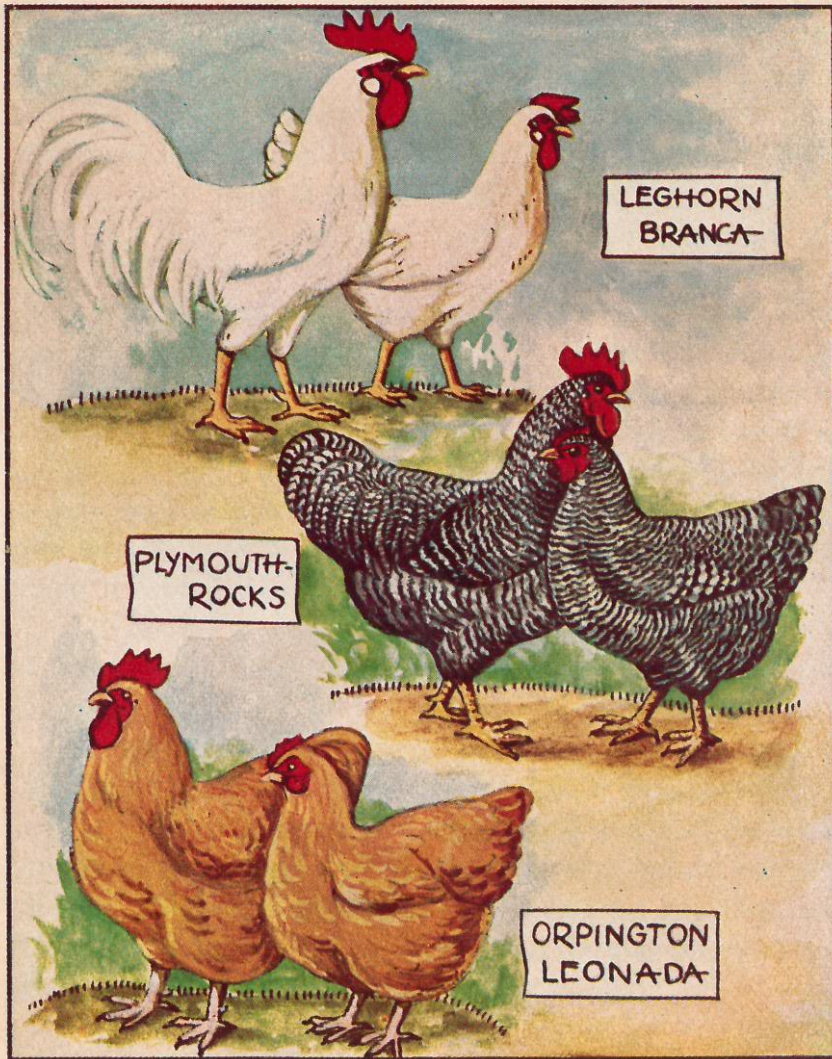
A questão era escolher uma boa raça.

Existem raças de galinhas que servem para produzir carne, raças que servem para botar ovos, e raças que servem para as duas coisas ao mesmo tempo.

As raças de carne são grandes, corpulentas e têm carne macia e muito gostosa. Um frango de uma dessas raças é sempre um petisco muito apreciado, assado, ensopado ou de qualquer outra forma.

As galinhas *de raças poedeiras* são bem menores, mais finas e magras, e em geral muito mais elegantes. Nessas raças há galinhas que são verdadeiras máquinas de botar ovo, e que põem facilmente mais de 150 ovos por ano.

As galinhas mistas põem uma boa quantidade de ovos e dão também boa carne.



LEGHORN
BRANCA

PLYMOUTH-
ROCKS

ORPINGTON
LEONADA

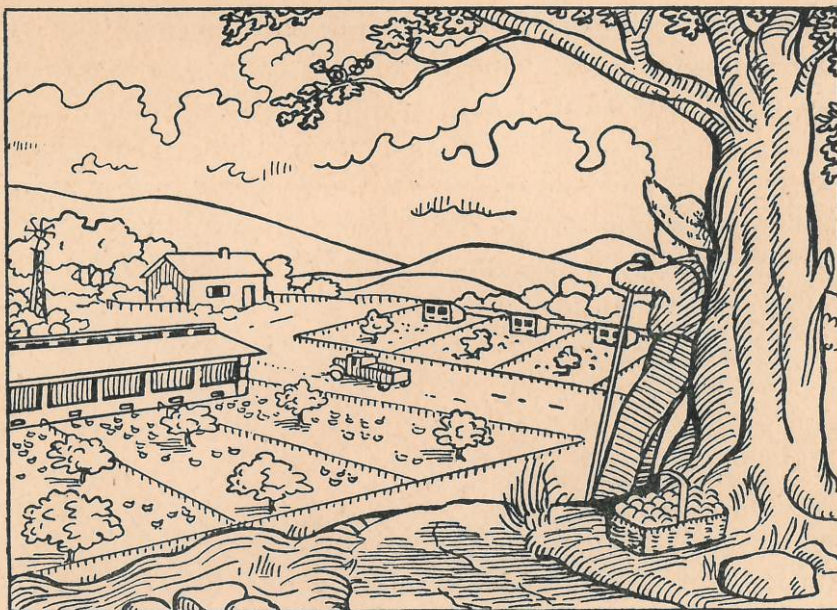
Ora, o Juquinha estava interessado em vender ovos, muitos ovos, e porisso preferiu criar uma raça de grande postura e escolher a *Leghorn* branca.

Leghorn é a palavra com que os ingleses chamam a cidade italiana de onde partiram, para a América do Norte, as primeiras galinhas dessa raça que depois ficou tão famosa. Em português, o nome daquela cidade é *Livorno*.

Pois o Juca escolheu muito bem porque as *Leghorn* são galinhas esplêndidas. E como são bonitas! As penas são branquinhas, sem nenhuma pinta ou mancha de outra côr. A crista e as barbelas são vermelhas e grandes; a crista nos galos é bem em pé e nas galinhas cai para um lado, como se fosse um topete. As pernas são amarelas e não tem penas. O rabo é muito elegante.

Elas são muito ativas, estão sempre a mover-se e a ciscar. Os pintos são amarelinhos, crescem de-pressa e, aos seis meses, as franguinhas já estão pondo.

Pois com ovos de galinhas *Leghorn* que o *seu* Mário escolheu em uma granja muito boa, onde não havia doenças, começou o Juca sua criação de aves de raça. Em pouco tempo tinha já um bando enorme dessas galinhas, que deixavam longe as galinhas antigas. E cada vez era maior a quantidade de ovos colhidos pelo menino.



O aviário da Assunção

Ao fim de quatro anos o espetáculo era bem diverso daquele que *seu* Mário apreciara em sua primeira visita ao sítio.

Havia um grande galinheiro para as galinhas poedeiras, onde o sol da manhã podia entrar desde cedo. *Água sempre limpa, boa comida, muita verdura*, eis o segredo daquilo tudo.

Diariamente o menino recolhia cestas e cestas

cheias de ovos fresquinhos e brancos, que depois distribuía em caixotes especiais e duas vezes por semana despachava para a capital.



Além dêsse galinheiro, havia outros, menorzinhos, cada qual, com dez galinhas e um galo; os ovos aí colhidos iam para a chocadeira e deles nasciam no-

vos pintos. Pintos e mais pintos, pintos fortes e sadios!

Era um prazer abrir a chocadeira, vinte e um dias depois de nela haver colocado os ovos, e encontrá-la cheia de pintinhos macios como ponpons amarelos...

E havia os *pinteiros*, galinheirinhos especiais para os pintos, com um grande fogareiro aceso no meio para aquecer os pintinhos, pois eles precisam de calor quando novinhos.

E havia ainda, espalhados pelo campo, uma porção de casinholas simples para os pintos mais crescidos...

Uma beleza de aviário era aquele! Era o mais bonito da redondeza!

E tudo feito pelo Juquinha, ajudado pelo *seu* Mário.

À custa do seu esforço e capricho, Juquinha conseguiu formar um grupo excelente de galinhas *Leghorn*. Galinhas robustas e bem tratadas, compensavam largamente as despesas feitas com sua manutenção. Um belo *rebanho*, como dizia o *seu* Mário.

Chegou, afinal, até ali, a notícia de que o Govêrno resolvera abrir, na Capital da República, um grande concurso de postura: os criadores que desejassem concorrer, enviariam um certo número de suas aves, que o Govêrno guardaria durante um ano em uma de suas repartições, para ver qual era de todas as

galinhas enviadas, de todo o país, a que mais ovos punha.

Juquinha não poupou esforços. Escolheu um de seus melhores lotes de poedeiras e despachou-as para o Rio de Janeiro.

Antigamente, quando Juquinha escrevera ao Governo, houve quem se risse dele e quem pensasse que o Governo nem lhe daria atenção, tão pequenino e sem importância era o nosso Juquinha...

A lição, entretanto, valeu! Todos viram como o menino foi ajudado pelo Governo e como a tapera, em que vivia, se transformou num belíssimo aviário.

Porisso, ninguém se lembrou de rir quando o Juquinha se inscreveu entre os criadores cujas aves iam participar do grande concurso.

Todos desejavam que o menino ganhasse algum dos melhores prêmios, pois bem o merecia pelo seu esforço.

O bom exemplo

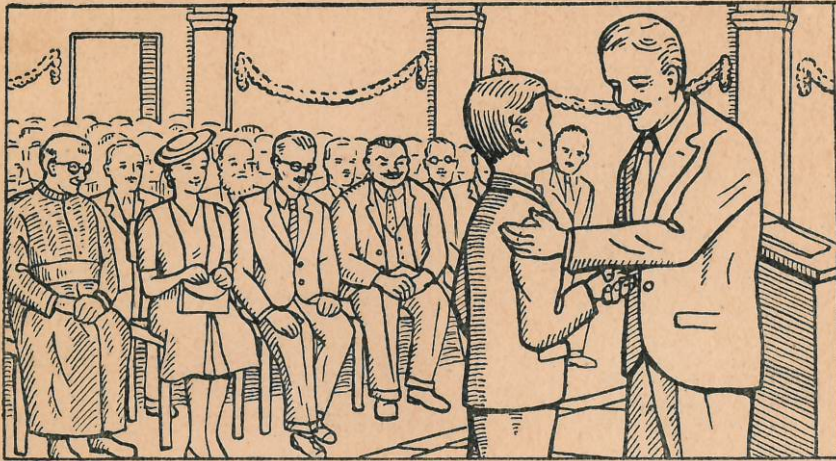
Nas primeiras semanas que se seguiram à remessa das aves para o Capital, Juquinha andou nervoso, pensando a toda hora no concurso. Mas acabou por acostumar-se, e chegou a esquecer-se disso, pois tinha muito trabalho no aviário. E um ano custava mesmo a passar...

Enquanto isso, o aviário da Assunção ia ganhando fama...

Todo mundo queria ovos de lá. Eram pedidos e mais pedidos vindos de toda parte. E também muita gente aparecia por lá para comprar galinhas e galos, para começar novas criações.

Até o *seu* Antônio se entusiasmou e começou a montar um aviário. Uma porção de fazendeiros das redondezas foi, aos poucos, se interessando e substituindo por criações boas e de raça as galinhas comuns que tinham, e que estavam sempre a morrer de *cólera* e de *espiroquetose*. Naturalmente que o Governo os auxiliava, como auxiliara o Juquinha.

Lá para o fim do ano, *seu* Mário imaginou reunir todos os criadores de galinha que havia naquelas paragens e convidar o seu chefe, o dr. Peixoto, para ir até lá, e visitar todas as criações.



Foi um dia de festa! Chegou gente em penca. Uns vieram de auto, outros a-cavalo ou de carro. Gente como que! Entre todos, o mais entusiasmado era o Juquinha, que andava muito atarefado de lá para cá.

Tão criança era êle, e entretanto todos o respeitavam alí. *Seu* Antônio, êsse agora não dava mais aquelas gargalhadas que tanto encabulavam o Juquinha. Pelo contrário, toda vez que tinha alguma dúvida a respeito de galinhas, ia, muito humilde, consultar o valente rapazinho, que se impôs pelo seu trabalho e sua vontade de estudar.

O dr. Peixoto reuniu os criadores e falou sôbre a importância da avicultura. Depois, passou uma fita

de cinema mostrando uma porção de coisas interessantes a respeito da criação de aves. Contou que, por esse mundo afora, muitas pessoas enriqueceram criando galinhas e que, em alguns países, a criação de galinhas representa uma enorme riqueza...

Todos ficaram entusiasmados.

A reunião estava para terminar quando o dr. Peixoto se levantou novamente para anunciar uma grande surpresa, que ele deixara para o fim: em meio da curiosidade de todos ele leu, então, uma comunicação do Govêrno sôbre o grande concurso de postura, que se encerrara alguns dias antes. Disse que queria ser o primeiro em abraçar o vencedor do concurso, que era o Sr. José Gomes de Lima, ou melhor, o nosso valente e querido Juquinha.

E no meio da maior alegria, o dr. Peixoto falou mais ou menos assim aos criadores alí reunidos:

«Tenho acompanhado com interêsse o vosso esforço e sei o quanto deve êle à ação de um rapazinho que nunca soube o que fosse desânimo.

Por aquí todos diziam que não valia a pena criar galinhas porque elas morriam.

Mas um menino resolveu criar galinhas e lutar contra as doenças e as dificuldades diante das quais outras pessoas tinham desanimado.

E que fez êle? Foi até ao Govêrno e pediu auxí-

lio. Muitos se riram dele, mas hoje é êle que se ri dos que duvidaram.

Meus amigos, é preciso ter fé! O Govêrno precisa de que nele depositeis confiança, e de que, ao lado dele, trabalheis com amor e boa vontade.

O Govêrno nunca desampara aqueles que desejam trabalhar.

Chamando êsse menino, agora quase um moço, para abraçá-lo diante de todos, eu quero mostrar-vos que o considero um exemplo digno de ser imitado!»

Vocês perguntarão agora se o Juquinha conseguiu realizar o seu sonho de ir estudar na Capital.

Êle foi à Capital, sim, mas somente para receber o prêmio a que tivera direito no Grande Concurso. O aviário, que estava sempre crescendo, exigia sua presença à frente dos negócios.

Mas Nhá Zefa pôde descansar da vida dura e trabalhosa que tivera, e os irmãozinhos puderam estudar em boas escolas.

E poderá haver maior alegria do que conseguir tudo isso à custa do próprio esforço e trabalho?...

Pense na história do Juquinha: está na sua vontade imitar o que êle fez — vencer pela inteligência e pelo trabalho!

12



N.º 631